

A FÍSICA DA ARGILA: UM ESTUDO VISUAL SOBRE A PRODUÇÃO DE CERÂMICA NA COMUNIDADE VILA QUE ERA

Samuel Antonio Silva do Rosario¹
Carlos Aldemir Farias da Silva²

O presente ensaio visual faz parte de uma pesquisa de doutorado em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemáticas da Universidade Federal do Pará. Tal pesquisa tem como temática o ensino de ciências, em especial o da Física, por meio do processo de fabricação de peças artesanais de argila na comunidade Vila Que Era, no município de Bragança, estado do Pará.

O processo de construção de uma peça de cerâmica envolve diversos saberes tradicionais que são transmitidos por meio da observação e dos gestos aprendidos, passados de geração a geração e marcados pela oralidade nas comunidades que detêm esse conhecimento³. Na maior parte das vezes, costuma obedecer às seguintes etapas de produção: coleta da argila, modelagem da peça, secagem e queima dos objetos. Neste ensaio, focaremos em uma dessas etapas, especificamente, na fase de queima das peças a partir de um conjunto de fotografias. Os registros fotográficos foram realizados pelo primeiro autor deste ensaio durante o processo de fabricação das peças de cerâmica. A ação de fotografar, nesta pesquisa, apoia-se em Collier Jr. e Collier (1990), quando tratam do conceito de fotografia como método de pesquisa. Para os autores, a câmera deve ser empregada na pesquisa como um auxílio à observação, uma vez que a cultura contemporânea fez com que nos tornássemos observadores pobres e “a fragmentação da vida moderna torna difícil responder à visão por inteiro” (COLLIER JR. e COLLIER, 1990, p. 5, tradução nossa).

A argila é recolhida às margens do rio Caeté, que banha a comunidade, modelada pelo ceramista e transformada em objeto. Após o período de secagem, se inicia a etapa da queima da cerâmica. Josias Furtado, um dos ceramistas colaboradores desta pesquisa, relata⁴ com orgulho que conseguiu aprimorar sua produção após vários testes. Comenta que no passado a peça ficava muito tempo no forno, pois ainda não tinha o domínio do tempo de queima de cada peça e, por esse motivo, havia muitas perdas. Após algumas experimentações, percebeu que alcançaria a temperatura ideal no dia seguinte se organizasse suas peças por ordem de espessura e deixasse o forno esquentando no dia anterior à queima. Dessa forma, percebeu que era necessário apenas manter o fogo aceso durante todo o período desejado para que o processo fosse mais rápido e, assim, diminuísse o tempo de queima e também o número de perdas das peças.

¹ Professor do Instituto Federal do Pará (Campus Marabá Industrial), doutorando em Educação em Ciências e Matemáticas pela Universidade Federal do Pará; mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia pela UFPA; especialista em Matemática e Ciências Naturais pela FCV e em Ciências Biológicas pela FAERPI, graduado em Matemática pela UEPA e em Ciências Biológicas pela UNIASSSELVI. E-mail: samuel.rosario@ifpa.edu.br

² Professor da Universidade Federal do Pará onde atua no Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemáticas. Doutor em Ciências Sociais (Antropologia) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Educação e graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: carlosfarias1@gmail.com

³ Almeida (2010) afirma que, diferentemente do senso comum, os saberes da tradição arquitetam compreensões com base em métodos sistemáticos, experiências controladas e sistematizações reorganizadas de forma contínua. Para Bastos (2013), esses saberes representam a manifestação de um conhecimento que, nem sempre, encontra-se sistematizado nos livros acadêmicos.

⁴ Anotações registradas em diário de campo durante a pesquisa. Constitui-se ressaltar que em pesquisas de abordagem qualitativa, dentre os principais instrumentos ou técnicas que ajudam a desvendar os fenômenos e fatos sociais destacam-se as observações e as entrevistas, entre outros (OLIVEIRA, 2010).

Nessa experimentação diária, o ceramista procura sempre aprimorar as práticas de seu ofício e, mesmo carente de ferramentas, desenvolve maneiras de utilizar os fenômenos físicos a seu favor, empregando seus saberes em conjunto com seus sentidos, especialmente, a visão e o tato (LÉVI-STRAUSS, 2008). Consegue ainda, estabelecer bases importantes para sua prática sociocultural. Nessa perspectiva, é notório que as noções de temperatura, calor e equilíbrio térmico estão bem estabelecidas para o ceramista, pois desenvolveu outras estratégias de pensamento para encontrar a temperatura ideal para queima de suas peças mesmo sem conhecer os conceitos físicos, discutidos na academia. Essa habilidade para observar, experimentar, entender, utilizar e manipular fenômenos físicos em práticas socioculturais são discutidas por autores como Claude Lévi-Strauss (2008) e Conceição Almeida (2010) nos livros *O pensamento selvagem* e *Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição*, respectivamente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Ed. Livraria da Física. 2010 (Coleção Contextos da Ciência).

BASTOS, Sandra Nazaré Dias. **Etnociências na sala de aula: uma possibilidade para aprendizagem significativa**. In: XI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2013. Anais do XI Congresso Nacional de Educação, Curitiba, 2013. p. 6192-6202.

COLLIER, John Jr.; COLLIER, Malcom. **Visual anthropology: photography as a research method** [Antropologia visual: fotografia como método de pesquisa]. 3. ed. Albuquerque: University of New México Press, 1990.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. 8. ed. Tradução Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papirus, 2008.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

NOTA

Todas as fotografias são de autoria de Samuel A. S. do Rosário.











